



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, a correspondentes internacionais**

**Rio de Janeiro-RJ, 03 de dezembro de 2010**

**Mery Galanternick:** Bom dia, presidente Lula; bom dia, governador Sérgio Cabral; bom dia, ministro Franklin Martins; Thomas Milz, vice-presidente da Associação dos Correspondentes de Imprensa de São Paulo; e bom dia a todos vocês.

O Presidente, então... nós tivemos inscrições de dezenas de perguntas, então fomos obrigados a fazer um sorteio e vamos obedecer esse critério de chamada dos correspondentes. Eu peço que quando chamar o correspondente, receba o microfone e faça a sua pergunta sentado, por causa das equipes de televisão.

Como prerrogativa do presidente, aqui, da ACIE, a primeira pergunta vai ser minha. Eu não sei, Presidente, o senhor gostaria de falar alguma coisa antes?

**Presidente:** Eu acho que... primeiro, dizer para vocês da minha satisfação e alegria de poder ter esta conversa com vocês quando faltam apenas 28 dias para deixarmos a Presidência da República. Acho que foi gratificante saber o acompanhamento que vocês fizeram da evolução política, econômica e social no Brasil. Nós temos acompanhado, pela minha assessoria internacional, o trabalho e as informações que têm saído na imprensa estrangeira e eu acho que tem correspondido exatamente àquilo que tem... que está acontecendo no Brasil. Certamente nós não resolvemos todos os problemas brasileiros, mas nós demos passos extraordinários para resolver problemas que pareciam insolúveis, pareciam crônicos e que ninguém iria consertar, nós começamos a consertar. E eu acho que hoje o grau de otimismo, eu acredito que é o mais



extraordinário de qualquer país do mundo hoje. Acho que não tem mais ninguém, no mundo, mais otimista que os brasileiros.

Você veja o que aconteceu no Rio de Janeiro na semana passada. Todas as vezes que se tentava fazer qualquer coisa nas favelas do Rio de Janeiro, era um conflito, parecia uma coisa de agressão ao povo da comunidade, era gente reclamando. Desta vez, o governador tomou uma atitude e a coisa foi tão bem arquitetada, tão bem preparada, que eu acho que ele deve ter sentido o momento de maior orgulho da vida dele, de perceber que o povo nas ruas estava aplaudindo uma ação do governo. E ele demonstrou que não tem outro jeito para resolver este problema se a gente não separar o joio do trigo. Nós queremos afastar as pessoas que têm... que são do crime organizado, as pessoas que são, eu diria, marginais, mas nós queremos proteger a grande maioria do povo, que são trabalhadores, são donas de casa, são jovens que querem trabalhar, que têm esperança. E eu acho que ficou visível na reação do povo.

Eu não pude conversar com o Governador, mas nós... há algum tempo a gente tem trabalhado a ideia de que a única forma de o Estado conseguir vencer o crime organizado é o Estado se apresentar na comunidade, levando serviço. Ou seja, na hora em que o Estado estiver oferecendo oportunidade de trabalho, emprego, educação, melhoria da qualidade de vida, as pessoas não têm por que se ligarem aos marginais.

Então, eu quero dar os parabéns ao Governador, acho que foi uma coisa importante, e acho que vocês retrataram bem o que aconteceu, na mídia internacional. Então melhorou um pouco a imagem do Brasil. Os correspondentes mais velhos sabem que antigamente só se falava do Brasil, ou quando o Brasil jogava futebol ou quando chegava perto do Carnaval, ou seja, era em fevereiro e em Copa do Mundo. Agora se fala do Brasil todos os dias, se coloca o Brasil na análise política, na análise econômica. Então, eu penso que isso nós devemos um pouco ao trabalho sério, ao trabalho



responsável que vocês fizeram na cobertura das coisas que acontecem no Brasil.

Então, eu estou aqui agora totalmente disponível para responder a toda e qualquer pergunta que vocês quiserem fazer.

**Mery Galanternick:** Pois não, Presidente. Então, a minha pergunta para o senhor... Eu sou Mery Galanternick, revista Latin Trade. Oito anos atrás o senhor esteve conosco, ainda como candidato a presidente da República. Naquela época, o senhor falou dos seus planos se fosse eleito presidente. Agora, oito anos depois, o senhor está vindo falar conosco novamente no final do mandato.

Então a minha pergunta é: quais são os seus planos para 2011?

**Presidente:** Eu não tenho... eu, sinceramente, Mery, não tenho planos, e não tenho planos porque, de forma muito pensada e muito premeditada, eu não posso deixar a Presidência da República e querer, no dia 2 de janeiro ou no dia 3 de janeiro, entrar em atividade política. Eu utilizei, outro dia, a palavra “desencarnar”. Eu preciso desencarnar de dentro de mim a Presidência da República, o cargo de presidente, o papel de presidente. Oito anos... não é que eu quero esquecer, mas eu preciso tirar de dentro de mim e tentar voltar ao mais próximo possível da normalidade para que eu possa voltar a fazer política, ou seja, fazer política tentando ajudar o Brasil sem competir com quem está governando, sem dar palpite na governança da presidente Dilma, tentando falar outras coisas. Se eu for falar... no dia 10 de janeiro eu vou estar falando do governo como se fosse presidente da República.

Eu já estou sendo convidado para inaugurar obra. Eu não sou mais presidente. Teve um companheiro que falou: “Presidente, embora o senhor não seja presidente, em fevereiro vai inaugurar tal obra, o senhor não quer vir?”. Eu não posso ir. Querer, eu quero, mas eu não posso. Então, por isso que eu



utilizei a palavra “desencarnar”. Eu quero me livrar do mandato presidencial para poder voltar a ser o Lula que eu era antes de ser presidente da República. É isso.

**Mery Galanternick:** A próxima pergunta é de Thomas Milz, ARD, Alemanha.

**Thomas Milz:** Obrigado. Eu queria saber do senhor o que o senhor destacaria como ponto alto desses oito anos e o que como maior decepção desses oito anos.

**Presidente:** Ô Thomas, você sabe que... eu tenho dito que eu não gostaria de ficar... todo mundo pergunta para mim qual a melhor coisa e qual a pior coisa? Qual a grande obra e qual a grande decepção? Eu não tenho respondido pelo seguinte. Primeiro, porque quando você deixar a Presidência, você vai... é como se você estivesse colocando água num recipiente para decantar. Você vai passar por um processo de decantação e você vai se dar conta de coisas importantes que você fez e de coisas importantes que você deixou de fazer. Então, eu acho que nós não conseguimos fazer tudo o que nós queríamos fazer, mas eu acho que nós fizemos mais do que em qualquer outro momento da história deste país. Acho que nós fizemos muito em todas as áreas, muito, muito, muito. Eu, se for comparar com outros governantes, não existe comparação, e eu quero que a Dilma, quando tomar posse, ela comece a comparar o governo dela com o meu e ela faça muito mais, porque aí nós vamos acreditar que é possível cada vez fazer mais e cada vez fazer melhor.

A coisa que eu mais me alegro é ter provado... eu precisava provar. Ninguém precisava provar, mas eu precisava provar porque, quando você pertence à elite de um país, você é governante, se você errou ou não errou, ninguém está ligando. Você termina seu mandato, vai passar seis meses fazendo um retiro em Harvard ou você vai para Sorbonne, você vai fazer



qualquer coisa. Ninguém se preocupa em cobrar que não deu certo. Aí, passou oito meses, você volta, se candidata outra vez. Mas eu, eu, pelo fato de ter saído de dentro de uma fábrica, ter virado dirigente sindical, ser candidato a presidente da República e ter sido eleito, eu tinha que provar, a cada dia, que eu seria capaz de governar este país. Eu tinha muito o Walesa e o fracasso dele na Polônia, eu tinha muito... eu tinha um medo de errar, eu tinha... eu deitava com a Marisa e ficava assustado. Eu falava: Marisa, nós não podemos errar. Nós vamos ter que trabalhar porque se a gente errar, nunca mais um trabalhador vai poder ser presidente da República, nunca mais. Então, eu tinha que provar.

Então, eu acho que essa foi a grande conquista minha: provar que é possível fazer as coisas neste país e provar que a inteligência não está ligada à quantidade de anos de escolaridade. São duas coisas distintas, são duas coisas distintas. Provar que não tem como você aprender a governar num banco de escola, não tem como. Ninguém ensina alguém a ser presidente da República, ninguém ensina alguém a ser governador ou prefeito. Essa coisa é da relação da gente com a sociedade, é da definição de compromisso que você tem, da definição do lado que você está, da definição para quem você quer governar. Então, eu estou muito feliz porque consegui provar que os brasileiros, e qualquer um deles pode fazer o que eu fiz neste país. Então esse é o grande legado.

Com o que eu tenho decepção? É de não ter podido aprimorar vários marcos regulatórios, sobretudo para facilitar a vida de quem governa. É muito difícil governar. No Brasil, nós criamos uma máquina poderosa de fiscalização e temos uma máquina frágil de execução. O Sérgio Cabral é governador, ele entende porque eu estou dizendo isso. Durante 25 anos, a máquina pública brasileira não fez investimento em infraestrutura porque não tinha como fazer, não tinha dinheiro. Não era culpa desse ou daquele governo, é que o Brasil estava devendo para o FMI, a economia não crescia, então você não tinha



investimento. Você foi criando uma máquina poderosa de fiscalização e a máquina de execução foi ficando atrofiada, e isso nós não conseguimos aperfeiçoar, não conseguimos mudar porque você tem um engenheiro que fiscaliza – um menino de 25 anos – ganhando R\$ 20 mil por mês, e você tem um engenheiro que executa – com 30 anos no governo – ganhando R\$ 6 mil por mês. Há uma discrepância entre quem trabalha e quem fiscaliza.

Então, eu não consegui mudar isso, imaginei que eu poderia preparar (falha na gravação) Dilma (falha na gravação) mais facilidades do que eu, mas não consegui fazer também. Mas ela, certamente como foi chefe da Casa Civil, ela viveu isso na pele, certamente é uma coisa que ela vai tentar consertar logo no começo do governo.

**Mery Galanternick:** A próxima pergunta, Igor Varlamov, Itar-Tass, Rússia.

**Igor Varmalov:** Senhor Presidente, ontem a Fifa escolheu Rússia e Catar para as Copas 2018 e 2022. O que o senhor achou dessas escolhas, e, em particular, sobre o fato de o Brasil passar a bola para a Rússia na Copa?

**Presidente:** Vai ser muito interessante, quando terminar a Copa do Mundo aqui, a Final aqui no Rio de Janeiro, saber que o Brasil estará se preparando para ir jogar em Moscou numa época do ano em que a Rússia está muito bonita, muito verde, nada de neve, nada de frio, e eu achei extraordinário e achei sabedoria da Fifa – e possivelmente tenha a ver com todo o debate que nós fizemos para a Copa do Mundo no Brasil e para as Olimpíadas – é que é preciso descentralizar a Copa do Mundo. Então, acho que a Rússia é um país grande, nunca tinha feito uma Copa do Mundo, é justo que a Rússia faça a Copa do Mundo. Portanto, eu dou os parabéns à Fifa por ter escolhido a Rússia, e também o Catar. Fazer uma Copa do Mundo naquela região do mundo, que muitas vezes aparece na imprensa apenas a violência no Oriente



Médio ou a quantidade de petróleo. Quem conhece o Catar como eu conheço e alguns de vocês conhecem, sabe que embora seja um país pequeno, eles têm poderio econômico para realizar uma Copa do Mundo excepcional.

Então, eu fiquei feliz, fiquei feliz porque a Fifa deixou de ser uma coisa voltada para apenas o mundo do futebol. Ela entendeu que o Catar pode ter o direito e que a Rússia pode ter o direito, e eu acho que isso é bom, é bom para quem gosta de futebol. Então, meus parabéns! Eu espero estar vivo e, quem sabe, o Sérgio me convidar para ir ver a Copa do Mundo de 2018.

**Mery Galanternick:** Próxima pergunta, Oliviero... ah, desculpa, Nazaret Castro, Jornal Público, Espanha.

**Nazaret Castro:** Eu queria voltar nos acontecimentos do Rio dessas últimas semanas. Aquela política de estabelecer as UPPs parecia ter sido um sucesso, mas tem algumas questões complicadas. Por exemplo, agora, no Complexo do Alemão, estão falando em colocar uma UPP e, segundo eu li na imprensa, vai ser requerido colocar uns dois mil agentes, que ficariam no orçamento de R\$ 2 milhões, que vão ser bancados por doações privadas. Então, isso aí, eu queria confirmar se esse e de onde vai vir, dado que a Dilma, a Dilma Rousseff, já ter falado que as UPPs devem ser um modelo para o resto do Brasil. E a pergunta é como o que é o orçamento da União vai sustentar essa política, que parece bem promissora, mas cara.

**Presidente:** Bem, primeiro, vamos deixar o governador do Rio de Janeiro responder diretamente essa questão das UPPs. Depois, se você quiser, eu posso falar um pouco da perspectiva de futuro.

**Governador Sérgio Cabral:** O modelo da Unidade de Polícia Pacificadora, ele tem três fases: a primeira fase é a fase de recuperação do território que foi



dominado pelo poder paralelo, é o que nós estamos fazendo há dois anos, desde o [Morro] Dona Marta, em Botafogo. A segunda fase é a fase transitória, onde uma polícia permanece por lá fazendo o trabalho de chegada do estado de direito democrático, das forças policiais e reconhecimento da área, convívio com a população, isso feito de uma maneira permanente de diálogo com a população. Vou dar um exemplo: quando houve a primeira reconquista de território no Dona Marta, a nossa polícia, quando solicitou uma reunião com os moradores, foram menos de 20 pessoas, pelo ceticismo, pela falta de crença no que iria acontecer. Nas últimas reconquistas de território – a última no Morro dos Macacos – mais de 400 moradores foram ao primeiro encontro com a polícia, que havia reconquistado o Morro dos Macacos. Morro dos Macacos esse que o mundo todo conheceu por força da derrubada do helicóptero, há um ano, o que é uma pena, porque ele merecia ser conhecido por ser um morro que o Martinho da Vila, um dos maiores compositores populares, frequenta desde garoto.

No caso do Complexo do Alemão, essa fase de transição é que será realizada pelas (falha no áudio) – e isso é maravilhoso, nós estarmos vendo o estado de direito democrático; isso é que propiciou essa ação tão correta. O estado de direito democrático por intermédio de suas forças legais, organizado, entrando em uma comunidade, e o poder paralelo verificando, ali que era o centro do crime, que nós identificamos, durante toda aquela arruaça feita no Rio de Janeiro, carros queimados etc, que o foco principal era ali, ali era a grande origem do problema. Nós resolvemos encarar o olho do furacão indo até o Complexo do Alemão, onde moram mais de 80 mil pessoas, onde o governo federal e o governo do estado estão colocando R\$ 600 milhões em saneamento básico, no maior teleférico da América Latina, com três quilômetros de extensão, com cinco estações; fazendo uma biblioteca pública de padrão internacional, como já fizemos em Manguinhos; onde tem uma UPA 24 horas funcionando perfeitamente; onde tem um colégio com o nome do



jornalista Tim Lopes, que é um colégio que não deve nada a nenhum colégio da Zona Sul do Rio de Janeiro. Portanto, essa comunidade, que já conhece o governo federal por intermédio do presidente Lula, que já conhece o governo estadual por meu intermédio – onde lá nós já fomos várias vezes –, essa comunidade recebeu, com alegria e felicidade, o último estágio de cidadania que faltava a essa comunidade, mas um estágio fundamental que é a lei, a ordem, a garantia da paz.

Então, as Forças Armadas, por intermédio do ministério da Defesa, está fazendo um papel – junto com a Polícia Federal – extraordinário, e fará esse papel exatamente de transição, por que? Porque a filosofia da UPP, que é a última fase, é a fase onde entram os policiais novos, por que razão? Pela razão simples que é uma geração que não tem nenhuma memória desse passado de combate com o poder paralelo. É uma geração que entra em uma comunidade pacificada, que vai olhar o povo pobre, o povo humilde, sem nenhum temor de estar enfrentando, em um beco, em uma viela, um assassino, um cruel traficante, e sim um povo humilde que merece o respeito e merece ter soberania.

**Mery Galanternick:** Governador Cabral...

**Governador Sérgio Cabral:** E essa fase de transição será feita pelas Forças Armadas, pelo contingente necessário e para que nós não possamos perder de vista a cronologia que vai continuar de recuperação de territórios. É uma grande colaboração que o presidente Lula está dando por intermédio do ministério da Defesa.

**Mery Galanternick:** Obrigada, Governador. A minha sugestão é que se houver outras perguntas sobre o Complexo do Alemão e o Rio de Janeiro, que o Governador dê uma coletiva seguida à do presidente Lula.



**Presidente:** Mas eu acho que era importante apenas dizer o seguinte, olha. Nós não achamos correto que as mesmas pessoas que passam o tempo inteiro cobrando por quê não é feito nada para acabar com a violência, depois, quando se começa a fazer, começam a dizer que é caro e que a gente não pode fazer. Ora, é caro para o Brasil manter uma tropa no Haiti – e nós mantemos a tropa no Haiti – e o que a ONU paga não compensa o que a gente investe lá. Nós achamos que é preciso manter para garantir a paz no Haiti e recuperar a democracia.

Nós precisamos fazer uma avaliação de custo-benefício, ou seja, quanto custa você investir para acabar com a violência, pacificar e fazer a comunidade viver em paz, ou quanto custa você não fazer nada porque custa caro, e deixar a criminalidade tomar conta de uma cidade como o Rio de Janeiro.

Então, eu acho que, obviamente, você só vai fazer as coisas que você tiver condições de fazer, mas eu acho que não tem que ficar olhando apenas para a questão financeira, tem que ficar olhando para questão do bem-estar do povo do estado do Rio de Janeiro, que merece paz, quer paz e que precisa disso para viver muito mais decentemente. Então, eu acho que qualquer investimento é bom e vai precisar ser feito muito mais. O que é importante é que o sucesso das UPPs, no Rio de Janeiro, isso é importante, é que o sucesso das UPPs, no Rio de Janeiro, pode ser nacionalizado. Vai custar caro? Vai, mas eu estou convencido de que é mais barato do que deixar traficantes envolvendo crianças, adolescentes – e matando crianças e matando adolescentes – e tirando a tranquilidade das pessoas.

Portanto, se for necessário, a Presidenta vai arrumar dinheiro para fazer o que precisa ser feito.

**Mery Galanternick:** Oliviero Pluviano, Agência Ansa, Itália.



**Oliviero Pluviano:** Senhor Presidente, você vai sair da Presidência dentro de 28 dias. Você prometeu decidir alguma coisa sobre Cesare Battisti antes de primeiro de janeiro. Decidiu?

**Presidente:** Olhe, eu estou apenas aguardando o parecer do Advogado-Geral da União, que é o que vai balizar a minha decisão. Acho que está... Nós tivemos um processo eleitoral, depois tivemos um segundo turno, tudo isso atrasou um pouco o trabalho, mas eu espero, eu espero, que o meu Advogado-Geral possa me apresentar a proposta da decisão antes de terminar o meu mandato. Eu não gostaria de deixar esse assunto para a companheira Dilma tomar a decisão em janeiro ou fevereiro. Eu preferia eu tomar a decisão. Agora eu estou só aguardando o parecer do meu Advogado-Geral, aí, eu tomarei a decisão.

Aliás, eu já tenho a decisão na minha cabeça, eu só não posso antecipar, porque um Presidente só se pronuncia com base nos laudos e nos autos do processo.

**Mery Galanternick:** Christoffer Gaffney, Independent Weekly, Estados Unidos

**Christoffer Gaffney:** Bom dia, senhor Presidente. Em 2007, o seu governo, através do Ministério do Esporte, garantiu que não haverá dinheiro público para construir estádios para a Copa do Mundo. Hoje em dia, o governo está disposto a gastar bilhões nos estádios, além de dar isenção fiscal a tudo que tem a ver com a Copa, que é um evento privado da Fifa. Em 2009, o senhor assinou um contrato com o COI garantindo 29 bilhões para realizar os Jogos Olímpicos no Rio. Para realizar esses eventos, é preciso alterar leis nacionais, estaduais e municipais, para permitir que esses eventos se realizem. Em face dos grandes prejuízos que sofreram Grécia e África do Sul com esses mega eventos, é possível que os mega eventos, no Brasil, vão atrapalhar processos



democráticos e aumentar desigualdades sociais no Brasil?

**Presidente:** Olha, meu... A Copa do Mundo é tão deficitária que até os Estados Unidos queriam fazer outra vez. Todo país deseja fazer uma Copa do Mundo, não é apenas por uma questão de dinheiro, é porque é um espetáculo que dá dimensão mundial a um país. É só a gente ver o que aconteceu, por exemplo, com a China na questão das Olimpíadas, o quanto nós conhecíamos a China antes e o que nós conhecemos a China depois.

Veja, o governo não está colocando dinheiro público. O governo abriu uma linha de financiamento, cada estado, que tem a responsabilidade de cuidar dos estádios, porque foram os governadores que apresentaram um projeto para poder conquistar o direito de sediar a Copa do Mundo. O que nós fizemos foi colocar à disposição de cada estado uma quantia em dinheiro financiada pelo Banco Nacional do Desenvolvimento, pelo BNDES. Portanto, o governador vai pegar esse dinheiro e vai contrair o empréstimo e vai pagar. E, obviamente, que nos interessa baratear o custo das coisas para que a Copa do Mundo saia mais barata para os estados.

Veja, eu acho inconcebível é que tem pessoas que passam a vida inteira dizendo que nós precisamos reduzir impostos, reduzir impostos, reduzir impostos; quando a gente reduzir impostos para fazer os estádios, as pessoas falam que o Estado está perdendo. Na crise econômica, o Brasil foi, o Brasil foi – e o mundo deveria ter copiado o Brasil, o mundo deveria ter copiado o Brasil – o Brasil foi o primeiro país a tomar todas as medidas anticíclicas que foram tomadas depois pela China, e nós reduzimos impostos para o povo comprar mais carro, para o povo comprar mais geladeira, para o povo comprar mais casa, para o povo comprar mais máquina de lavar, para o povo comprar mais televisão. Ou seja, reduzimos todos os impostos... de material de construção civil... então, é importante que a gente reduza impostos para a construção destas obras que, depois que estiverem prontas, elas vão ser motivo de



aumento da arrecadação do próprio estado, seja o estado, seja a cidade, seja a União. Nós vamos fazer uma extraordinária Copa do Mundo, eu tenho certeza absoluta de que cada ente federativo vai cumprir com as suas obrigações, e nós vamos fazer uma Copa do Mundo exemplar. Espero que venha muita gente aqui para ver do que nós somos capazes.

Eu tenho dito aos meus companheiros governadores que a gente não pode fazer... Quando a Fifa apresentou as propostas dela e que nós concordamos, nós poderíamos não ter concordado. Nós poderíamos ter dito: “Olha, nós não vamos aceitar, então, procura outro país para fazer a Copa do Mundo”. Mas nós queríamos fazer a Copa do Mundo, nós queríamos fazer. E vamos fazer aquilo que o Brasil puder fazer, nós não vamos enforçar o povo brasileiro para poder fazer a Copa do Mundo. Nós temos condições de fazer uma extraordinária Copa do Mundo, com a experiência que nós temos, e eu acho que o Brasil vai sair ganhando, e muito. São muitos eventos esportivos. Nós temos, agora em 2011, os Jogos Militares, vai ter mais atletas do que teve no Pan-Americano. Depois, em 2013, nós temos a Copa das Confederações; em 2014, nós temos a Copa do Mundo; em 2015, nós temos a Copa das Américas; em 2016, nós temos as Olimpíadas. Então, nós vamos ter cinco anos de atividades esportivas tão extraordinárias, que eu acho que o resultado final será um ganho extraordinário para o povo brasileiro. O que não pode acontecer é o Brasil perder a Copa do Mundo aqui no Maracanã, como perdeu em [19]50. Aí, sim, vai ser um desastre econômico, e haverá um transbordo de lágrimas, se acontecer isso. Vamos nos preparar para garantir que o Brasil seja vitorioso.

**Mery Galanternick:** Diana Kinch, Agência Dow Jones.

**Diana Kinch:** Bom dia. Eu gostaria de perguntar sobre as reformas. No começo do segundo mandato do senhor, tinha umas conversas no governo



sobre a possibilidade de fazer várias reformas, a laboral, a reforma política e a reforma fiscal, mas não foi feita nenhuma reforma grande neste segundo mandato. Por quê? Teria possibilidade de essas reformas saírem, agora na administração da Dilma? Seria possível, em um futuro próximo, reduzir os impostos, que encarecem muito o custo de vida dos brasileiros e os estrangeiros que também moram aqui, não somente para empresários e empregadores, mas também para os empregados? Obrigada.

**Presidente:** Uma coisa que eu aprendi, nesses oito anos na Presidência, é que muita gente gosta de falar em reforma porque é um certo modismo, é uma coisa chique falar de reforma. Mas eu já mandei duas propostas de reforma tributária para o Congresso Nacional. A primeira, em abril de 2003, acordada com todos os governadores, acordada com todos os líderes, acordada com os líderes empresariais. Ela chegou ao Congresso Nacional e algum inimigo oculto não permitiu que ela andasse dentro do Congresso Nacional. Quando nós tomamos posse, em 2007, outra vez nós mandamos uma proposta de política tributária, melhor trabalhada. Os 27 governadores participaram da confecção, os líderes partidários participaram da confecção, os líderes empresariais, o movimento sindical brasileiro participou da elaboração da proposta de política tributária. Quando ela chegou ao Congresso Nacional, eu imaginei que ela ia ser aprovada no primeiro dia, por unanimidade, tal era a coesão em torno da proposta de política tributária. O que aconteceu? Nada, porque o inimigo oculto se manifestou outra vez e não permitiu que ela acontecesse. Para numa comissão, vai para outra comissão, então não aconteceu.

Então, se ela não foi votada significa que é mais uma vontade verbal do que uma necessidade de se fazer reforma tributária, porque me parece que as pessoas não querem. Eu tenho dito para os empresários... cada empresário tem uma bancada de deputados lá, poderia ser feito.



Então eu acho que nós vamos fazendo a cada dia a nossa reforma. Se você pegar o que aconteceu no segundo mandato meu, nós já desoneramos quase R\$ 100 bilhões, nós desoneramos em impostos aqui neste país. Depois, a carga tributária do Brasil, há uma contradição extraordinária que é o seguinte. Você pega o mapa-múndi, pega o mapa-múndi e olha o seguinte: os países que têm carga tributária muito baixa são países muito pobres; os que têm carga tributária alta são os países ricos – é onde o povo vive melhor, tem mais escola, mais transporte, mais cultura, vive melhor. Paga mais imposto. Certamente, nos Estados Unidos, o imposto de renda deve ser mais do que no Brasil. Certamente, na Europa, o imposto de renda é muito mais do que no Brasil. Mas o Estado arrecada e oferece benefícios. Aqui na América Latina tem Estado que tem uma carga tributária de 9%. Um Estado que só arrecada 9% não é Estado, ele não pode nada. Ele não pode investir na educação, não pode investir em infraestrutura, não pode investir em absolutamente nada. Ele não existe. Então, a carga tributária do Brasil, ela é justa e permite que o Brasil alcance... E ela diminuiu, ela era mais alta do que ela é hoje. E nós vamos diminuindo na medida em que a gente vai aumentando a base da pirâmide de contribuintes.

A reforma política é uma reforma que... Eu, agora que não sou mais presidente da República, mas que sou militante político do meu partido e do povo brasileiro, eu vou trabalhar para a gente fazer reforma política. Não era uma proposta do presidente da República, não é o presidente que tem que fazer reforma política, são os partidos políticos. Também mandei duas propostas de reforma política para lá, sobretudo uma delas que previa fidelidade partidária, que previa o financiamento de campanha ser público e que proibia o financiamento privado. Está lá, também não andou. Os partidos não se entendem sobre a reforma política, e eu acho que ela é a principal reforma que nós temos que fazer.

A reforma laboral. Eu criei um grupo de trabalho entre empresários,



trabalhadores e o governo. Acontece que enquanto os trabalhadores e os empresários não se entenderem, não terá essa reforma laboral, e não é justo que o Estado imponha a vontade de um sobre o outro. É importante que a gente construa um consenso, um denominador comum. Nós avançamos muito, mas não conseguimos apresentar uma proposta de reforma que contemple os anseios dos trabalhadores e os anseios empresariais.

**Mery Galanternick:** Sérgio Barreto Motta, Diário de Notícias de Lisboa.

**Sérgio Barreto Motta:** Bom dia. Já houve pergunta sobre futebol, mas eu não vou falar sobre Carnaval, não. A minha pergunta é a seguinte: a indicação da China, com o apoio americano, para o Conselho de Segurança foi uma ducha de água fria nas intenções brasileiras?

**Presidente:** Eu não sei se as manchetes de outros jornais do mundo foram iguais às manchetes dos jornais no Brasil, que os Estados Unidos tinham apoiado a Índia. O que o Obama fez é o que outros presidentes de República americanos já fizeram. Quantos presidentes e quantos primeiros-ministros declararam que o Brasil teria que estar no Conselho de Segurança? Todos, até o Bush, todo mundo. Há uma unanimidade em dizer que é preciso... Tem duas unanimidades hoje no mundo. Primeira, todo mundo reconhece que é preciso haver uma reforma no Conselho de Segurança das Nações Unidas, todo mundo, dos Estados Unidos à Inglaterra, passando pela França, passando pela Rússia, passando pela China. Por que é que não se faz a reforma? Primeiro, porque não se tem uma definição de quantos países irão participar, por região. Nós criamos o G-4. O que é o G-4? O G-4 é Índia, Alemanha, Brasil e Japão, um movimento de quatro países importantes em cada área diferente, que reivindica o direito de participar do Conselho de Segurança. A China não aceita o Japão, a Itália não aceita a Alemanha, e aqui no Brasil... aqui na América



Latina... na África não se sabe quantos países vão participar, se é um só e, se for um, quem é; se serão dois, se será África do Sul e será Nigéria. Como não tem uma definição... se vai participar o Egito ou não. Então, como não tem uma definição de quantos países vão participar, não tomam decisão.

Eu... quer que eu diga agora o que eu penso? Eu penso que houve um ato de gentileza do presidente Obama em dizer que a Índia deve participar do Conselho de Segurança. Para participar a Índia, tem que fazer uma reforma, e para fazer reforma nós vamos discutir... A França cansou de dizer que o Brasil... O primeiro-ministro inglês acaba de tomar posse e declara que o Brasil tem que estar no Conselho de Segurança da ONU. Mas eu acho que são apenas gentilezas porque se eles quisessem mesmo, eles abriam a discussão sobre a reforma das Nações Unidas e a gente iria ver quem é que vai participar, em cada continente.

O dado concreto que eu vou lhe dizer é o seguinte: enquanto não houver reforma das Nações Unidas ela não será representativa. As Nações Unidas não podem, com a geopolítica e a geografia de 1948, querer governar o mundo no século XXI. A governança global está enfraquecida, está pouco representativa, e isso interessa a quem tem uma posição de força na tomada de decisões unilateral. Se a gente quiser fortalecer o multilateralismo, nós vamos ter que ter reforma das Nações Unidas.

**Mery Galanternick:** Jebb Blount, Platts News, Estados Unidos.

**Jebb Blount:** Bom, bom dia, Presidente. O WikiLeaks, aquele site da Suécia, mostrou telegramas dizendo que o governo norte-americano, dizendo que a embaixada aqui acha que o governo do senhor está cheio de focos de anti-americanismo e apontou gente como o dr. Marco Aurélio e Sérgio Guimarães... Pinheiro Guimarães [Samuel Pinheiro Guimarães] como os principais focos desse sentimento. Se esta avaliação é justa ou não, eu gostaria de saber se o



senhor acha se é justa ou não. Gostaria de saber mesmo quais são as principais críticas do senhor, no seu governo, sobre as políticas do governo norte-americano nos últimos oito anos...

**Mery Galanternick:** Jebb, é só uma pergunta. Desculpa.

**Jebb Blount:** ...e se alguma coisa tinha mudado com a troca de Bush para Obama.

**Presidente:** Deixa eu dizer uma coisa. Eu queria separar a sua pergunta, a sua pergunta sobre a sua relação entre Brasil e Estados Unidos eu queria separar da pergunta do vazamento dos telegramas dos embaixadores norte-americanos, porque eu, sinceramente, acho que quem deve estar preocupado neste momento é o presidente Obama. Eu acho que quem deve estar muito preocupado com esse vazamento é o presidente Obama, e acho que isso é uma lição para, daqui para frente, os embaixadores passarem telegramas com mais responsabilidade. A gente não pode chegar ao final do dia, para prestar contas ao chefe, a gente ficar escrevendo qualquer coisa e mandando para o chefe. Eu fui vítima disso quando eu era dirigente sindical, quando eu fui pegar a minha ficha no Dops, a quantidade de bobagens que tinha naquele arquivo, a quantidade de mentiras era uma coisa absurda. Então, eu acho que isso machuca um pouco a nobreza da diplomacia mundial e o comportamento da diplomacia americana. Acho isso gravíssimo, essas coisas do jeito que estão saindo.

Deixe eu lhe falar: é bem possível que aqui no Brasil tenha gente que não goste dos Estados Unidos, é bem possível. Eu vou lhe dizer a minha posição enquanto presidente da República e a posição do meu país enquanto decisão de nação. Os Estados Unidos são um parceiro excepcional para o Brasil, são um parceiro privilegiado do Brasil. Nós temos relações políticas,



relações comerciais e relações culturais muito importantes. Não concordamos com algumas coisas que os Estados Unidos têm, de posição. Por exemplo, muitas vezes, os Estados Unidos impedem que uma empresa que produza um produto qualquer que tenha uma peça americana, por exemplo, não se permite que venda para a Venezuela, não se permite que venda para países que eles não consideram amigos. Eu acho isso... Eu próprio disse ao presidente Bush, depois disse ao presidente Obama que eu acho isso um retrocesso nas relações entre as nações. Mas, de qualquer forma, eu respeito essa posição.

Então, não existe nenhum antiamericanismo da parte do Brasil com os Estados Unidos, não existe. Possivelmente, exista muito mais gente com coisas com o Brasil lá, do que daqui com os Estados Unidos. A relação do Brasil é uma relação boa, ela foi boa com o Clinton, ela foi boa com o Reagan, ela foi boa com o Bush, ela foi boa com o Bush pai, com o Bush filho, e está sendo boa com o Obama. A relação do Brasil tem sido muito boa, muito boa, historicamente boa com os Estados Unidos. A única coisa que eu lamento – e eu disse isso ao presidente Obama, disse isso ao presidente Bush – é que muitas vezes eles olham com um olhar, eu diria, pequeno para a América Latina. Era preciso que se tivesse uma dimensão maior do que representa o Brasil, do que representa a América Latina na relação com os Estados Unidos. Os Estados Unidos ficam muito preocupados com o Afeganistão, muito preocupados com o Oriente Médio e se esquecem que o mundo é muito maior do que isso. Tem muito lugar que seria um olhar de paz, um olhar de um continente que não tem problema. Não tem lugar do mundo mais pacífico do que a América do Sul e a América Latina, não tem lugar do mundo, não tem. Não existe lugar do mundo mais tranquilo.

Então, eu acho que... Eu, às vezes, lamento que os Estados Unidos olhem pouco para cá, (incompreensível) estabelecer parcerias com os países mais pobres. Quando houve a crise, que eu fui participar do G-20 lá em Pittsburgh, eu dizia ao presidente Bush [Obama], na época, que era importante



que os Estados Unidos tivessem um olhar para os países pequenos da América Central, que não os deixassem entrarem em crise, que pudesse ajudar esses países. Eu acho que é isso que os Estados Unidos deveriam fazer.

Agora, pode ficar certo de que a relação do Brasil com os Estados Unidos, ela foi boa com o Fernando Henrique Cardoso, ela foi boa com o Sarney, ela foi boa com o Collor, com o Itamar, ela é boa comigo, e vai ser boa com a Dilma, porque nós não misturamos política com relações internacionais. A relação entre nações é uma coisa muito séria, e nós achamos que ela tem que ser plural e democrática.

**Mery Galanternick:** Lenilson Ferreira, Agencia Kyodo, Japão.

**Lenilson Ferreira:** Eu quero retomar a questão do Conselho de Segurança da ONU e as relações bilaterais Brasil-Japão. Durante bastante tempo, o Brasil e o Japão caminharam de mãos dadas para atingir esse objetivo de um assento permanente, e chegou um momento em que eles se separaram e passaram a caminhar cada um para o seu lado, sem unir os esforços. A pergunta é: Por que isso aconteceu e quais são as perspectivas de retomarmos essa união no futuro, para esse objetivo comum?

**Presidente:** Olhe, pelo menos no meu mandato, não houve esse afastamento. Eu mesmo participei de duas reuniões com o G-4, com a Alemanha, com o Japão e com a Índia, para a gente fortalecer a discussão interna dentro das Nações Unidas. Não existe afastamento. O G-4 funciona e o G-4 é um movimento para garantir que, no mínimo, esses quatro países estejam participando do Conselho de Segurança.

O Brasil continua interessado que o Japão entre, e o Japão continua interessado que o Brasil entre. O problema no Japão é outro: é que está mudando muito de primeiro-ministro no Japão. Eu nem aprendo a decorar o



nome de um e já vem outro, e não é fácil a gente decorar o nome deles. Eu, agora, espero que, até o final do meu... É verdade, nós estávamos discutindo a TV digital, estávamos discutindo a política do etanol. Então, eu conversava com um primeiro-ministro e quando eu ligava a segunda vez, já era outro. Eu acho que o Japão precisava se estabilizar um pouquinho para não trocar tanto de primeiro-ministro, para a gente poder fazer... Nós temos muito interesse em retomar, inclusive, a relação com o Japão, sobretudo na questão do etanol tivemos dezenas de reuniões. E acho que o Japão é um parceiro que, na década de 60, foi muito importante para o Brasil, depois houve um afastamento do Japão, e nós fizemos todo um trabalho para trazer o Japão de volta a ter uma relação privilegiada com o Brasil e uma relação estratégica, e isso está acontecendo, isso está acontecendo.

**Mery Galanternick:** Mais duas perguntas, Presidente. Fabiola Ortiz, Agência Lusa, Portugal.

**Fabiola Ortiz:** Bom, obrigada,... da Agência Lusa de notícias, de Portugal. Hoje começa a cimeira, a Cúpula Ibero-Americana em Mar Del Plata, na Argentina, tendo esse contexto, aí, de crescimento das economias latino-americanas, Brasil especialmente, e também o contexto de grave crise na Europa, lembrando Portugal e Espanha. E eu gostaria que o senhor pudesse comentar, então, em que medida, como é que vai ser esse diálogo entre essas duas regiões. Tradicionalmente, as economias fortes estão do lado de lá do Atlântico, a Europa, mas parece que se inverteu aí o quadro, não é, o Brasil aparece como uma economia forte. Então, é sobre isso, por favor, essa mudança de espectro e a correlação de forças agora na cimeira, na Argentina. Obrigado.

**Presidente:** Olhe, primeiro nós temos que ter clareza de que Portugal e



Espanha, embora estejam vivendo um momento adverso nas suas economias, são dois países que têm uma estrutura de conquista social estável. Eu penso que não há possibilidade de a gente imaginar Portugal e Espanha voltarem a ser países pobres, como eram 30 anos atrás. São países que conquistaram uma estatura de países pequenos, mas países que têm um *status* social avançado, uma coisa bem extraordinária. Eu acho que essa crise é passageira, acho que a Europa tem responsabilidade – os países mais ricos – de ajudar os países menores que tiveram problemas com essa crise econômica. E eu acho que Portugal e Espanha devem estar muito felizes de ver que na América do Sul há um crescimento extraordinário entre todos os países da América do Sul, ou seja, é o momento dos países emergentes, na medida em que todos nós estamos fortalecendo o nosso mercado interno, há um espaço extraordinário para investimento de empresas portuguesas e espanholas no Brasil. E agora começa a haver uma coisa importante de investimentos, por exemplo, do Brasil em Portugal, em empresas portuguesas. Estamos fazendo acordo... já foi feito acordo da Portugal Telecom com a Oi, já foi feito... Brasil e Portugal... a Petrobras e a Galp estão discutindo. Eu acho isso extremamente importante para a economia, eu diria, da Europa e do Brasil, sobretudo em se tratando de dois países irmãos da América do Sul, como Portugal e Espanha. Eu, eu... o ministro da Economia de Portugal está vindo ao Brasil para conversar com o ministro Guido Mantega, para ver em que a gente pode ajudar mais nos investimentos em Portugal, e nós iremos fazer o esforço que estiver ao nosso alcance para ver se ajudamos Portugal a sair mais rápido dessa crise. Ao mesmo tempo, é uma reunião de que nós participamos um pouco orgulhosos, não é? Argentina, Brasil, Uruguai, Paraguai, Bolívia, todas as economias da América do Sul estão crescendo, as reservas em dólar estão aumentando em todos os países da América do Sul, o consumo está crescendo, a renda salarial está crescendo. Eu, às vezes, fico preocupado porque o crescimento, quando a gente vai a uma reunião do G-20 e a gente fala, as pessoas nem acreditam.



Quando eu cheguei ao G-20, que eu disse que até o dia 30 de outubro a gente tinha criado no Brasil 2 milhões, 409 mil empregos formais, ninguém acredita, porque é tanto emprego para nove meses, em uma situação em que a Europa está tendo um desemprego muito grande. Então, eu acho que essa cimeira é importante para a gente não perder os laços históricos que nós temos com Portugal, e que a outra parte da América do Sul tem com a Espanha.

**Alberto Armendariz:** Presidente, eu teria uma outra pergunta sobre a segurança para os Jogos, mas eu acho que é mais importante para o nosso país falar... Na Argentina tem, a gente tem terror de uma depreciação do real. O que você pode dizer para acalmar os argentinos? Você acha que chegou o momento de fazer um ajuste na taxa de câmbio?

**Presidente:** Olha, veja, a taxa de câmbio... o Brasil tem o câmbio flutuante, gente. Não há como o governo brasileiro dizer “o real vai valer tanto, o dólar vai valer tanto”, não tem como. O câmbio é flutuante, ele flutua para cima ou para baixo. Essa é a vantagem do câmbio flutuante, que nós queremos manter. Olha, nós temos a mesma preocupação que a Argentina tem, nós estamos muito preocupados com a desvalorização do dólar. Esse foi o principal assunto da reunião do G-20, dos ministros da Economia, onde a Argentina estava presente, onde o Brasil estava presente. Há uma preocupação de todos os países com o fato de os Estados Unidos estarem tomando posições unilaterais para resolver o seu problema fiscal, sem levar em conta a repercussão que isso tem no restante do mundo, na medida em que o mundo tem o dólar como a moeda que lastreia, praticamente, todo o comércio mundial.

Nós começamos, com a Argentina, a fazer uma coisa diferente, que é uma coisa muito nova: fazer com que a balança comercial Brasil-Argentina seja feita nas moedas do Brasil e da Argentina, sem interferência do dólar. Essas coisas não acontecem como um passe de mágica: “nós tomamos a decisão,



ela aconteceu”. Não. Ainda é muito pequeno o comércio nas nossas moedas porque as pessoas estão acostumadas a fazer com o dólar e as pessoas não querem mudar. Nós estamos discutindo fazer a nossa relação comercial com outros países maiores também nas nossas moedas, para a gente não ficar muito dependente do dólar. Os americanos, o Obama, na última reunião do G-20 disse estar preocupado com os efeitos que possa causar a desvalorização do dólar, e ele sabe que não pode esticar muito a corda, porque pode prolongar a crise em países que não têm crise hoje. No Brasil, nós estamos atentos à questão do câmbio. Nós não queremos desvalorizar o Real, mas não queremos também que o Real fique muito valorizado em relação ao dólar, porque isso prejudica o nosso comércio e prejudica a nossa relação com os países irmãos da América do Sul, que está muito bom e nós queremos manter esse equilíbrio.

**Alberto Armendariz:** (incompreensível)

**Presidente:** Não, não, não acredito, não acredito, querido, não acredito. Nós... acho que... o comércio Brasil-Argentina é uma coisa tão extraordinária que nós vamos chegar, neste ano, praticamente a quase US\$ 35 bilhões entre Brasil e Argentina. É uma coisa tão estupenda que nós iremos fazer todo o esforço que estiver ao nosso alcance, eu tenho certeza de que a Argentina também, para que a gente não dê tiro no nosso pé, ou seja, que os dois países continuem bem como estão, aumentando o comércio. Nós estamos comprando quase tudo que é de carro que a Argentina produz, e eu acho que isso é importante. O Brasil tem que fazer esse papel. O papel de um país que tem a economia mais forte é exatamente o de levar em conta os países que têm uma economia menor. No caso da Argentina, que é uma economia poderosa também, mas tem o Uruguai, tem Bolívia, tem Paraguai, e nós precisamos tratar isso com muito carinho para não prejudicar esses parceiros. Pode ficar certo de que a Argentina, a Argentina, na relação com o Brasil é a nossa musa, para nós é



uma coisa muito interessante a Argentina. Eu acho que a Argentina pensa o mesmo do Brasil. Houve um momento em que a gente ficava muito distante um do outro, mas eu acho que agora Argentina e Brasil descobriram que juntos nós somos muito fortes e podemos ter muita influência em decisões importantes no mundo.

Eu achei importante nesta entrevista é que, antes, quando a gente ia fazer uma entrevista com a imprensa estrangeira, a coisa que mais se perguntava era sobre economia. Como a economia do Brasil está boa e ninguém perguntou, eu vou dizer uma coisa para vocês, só para vocês registrarem, viu, (incompreensível), que é o seguinte: esse momento mágico que vive o Brasil hoje não é uma coisa passageira, é uma coisa que, na minha opinião, vai ter uma duração de médio e longo prazos. Todos os investimentos... o governador Sérgio Cabral sabe perfeitamente bem que a parceria que o Rio de Janeiro e o governo federal construíram, do ponto de vista do investimento aqui no Rio de Janeiro, possivelmente não tenha sido feita nos últimos 30 anos. Isso está acontecendo em todos os estados e está acontecendo em todas as cidades.

Então, eu queria dar um dado para vocês, importante. Se vocês olharem o mundo, hoje, vocês vão perceber que dentre as hidrelétricas em construção, no mundo, dentre as hidrelétricas em construção no mundo, hoje, as três maiores estão sendo feitas no Brasil: Santo Antônio, Jirau e Belo Monte. São quase 18 mil megawatts de energia, que estão sendo construídas simultaneamente no Brasil. Se vocês analisarem as ferrovias que estão sendo feitas no mundo, três das maiores estão sendo feitas no Brasil: a Ferrovia Norte-Sul, que nós terminaremos 1.513 quilômetros até Anápolis e vamos assinar um contrato para levar até Estrela d'Oeste, em São Paulo, ligando o Porto de Santos ao Porto de Itaqui, no Maranhão; a Ferrovia Transnordestina, ligando o Porto de Suape ao Porto de Pecém, no Ceará, Pernambuco, e passando pelo Piauí, 1.900 quilômetros de ferrovia; e a Ferrovia Oeste-Leste,



que no dia 14 nós vamos dar ordem de serviço no estado da Bahia, também, ligando Ilhéus, na Bahia, à Ferrovia Norte-Sul, no estado de Tocantins, e depois vai chegar até Belém. Então, das três ferrovias construídas no mundo... das ferrovias que estão sendo construídas no mundo, hoje, três das maiores estão no Brasil. Se vocês analisarem, vocês vão perceber que o Brasil hoje é o país que está construindo, praticamente, quatro das maiores refinarias do mundo: o Comperj, aqui no Rio de Janeiro, que é um investimento excepcional em Itaboraí; a refinaria do Maranhão, que já está na fase de terraplanagem, que é uma refinaria para 600 mil barris/dia; a refinaria do Ceará... a do Maranhão é US\$ 19 bilhões de investimento; no Ceará, US\$ 12 bilhões; no Comperj, US\$ 20 bilhões. Tudo isso em andamento. Mais a Refinaria Abreu e Lima, em Pernambuco, mais US\$ 12 bilhões. Então, de todas as refinarias que estão sendo feitas no mundo, quatro das maiores estão sendo feitas neste país. Se vocês analisarem os investimentos feitos em petróleo, no mundo, vocês vão analisar que o maior investimento feito na indústria petrolífera no mundo, hoje, está sendo feito pelo Brasil. Até 2014 serão US\$ 224 bilhões que estão comprometidos.

Então, eu estou dando estes números para vocês para mostrar o volume e a envergadura da solidez do desenvolvimento da economia brasileira. Ou seja, as coisas estão prontas, e vocês podem ter certeza, eu espero que vocês fiquem muito tempo sendo correspondentes aqui no Brasil, de preferência no Rio de Janeiro. Agora, com o Rio de Janeiro mais pacificado, vocês vão poder andar mais na praia, sem ter nenhuma preocupação.

E dizer para vocês que esse é o cartão de garantia que a companheira Dilma Rousseff terá para o período do seu governo. Ela vai pegar o Brasil andando a 120 por hora, ela não está com o carro parado no estacionamento, com a bateria estragada, não. Ela está com o carro andando a 120 por hora. Se ela quiser, ela pode apertar um pouquinho o acelerador, chegar a 140, 150, se ela quiser ela vai a 120, e só não pode sair da pista, porque as coisas estão



andando bem. Então é esse o Brasil, companheiros, que nós entregaremos à companheira Dilma Rousseff, ao povo brasileiro, no dia 31 de dezembro: um Brasil sólido, um Brasil com perspectiva de se transformar nos próximos seis anos na quinta economia mundial. Vamos torcer para isso, porque vocês... Quanto mais importante for o Brasil, mais correspondentes estrangeiros terá aqui e mais chances de vocês ficarem aqui, se o Brasil for bem.

Muito obrigado a vocês, e até um dia, se Deus quiser.

(\$31DGJMP)